**SAÚDE**

# Covid: subvariante da ômicron mata em SP

Mulher de 72 anos, portadora de comorbidades, é o primeiro caso fatal da BQ.1, ocorrido em 17 de outubro. Especialistas alertam que a baixa adesão ao ciclo vacinal aumenta os riscos de uma nova onda. Exames positivos têm alta exponencial

» MARIANA ALBUQUERQUE*

JOEL SAGET / AFP



**Nos EUA e na União Europeia, indústria já desenvolveu vacina eficaz contra novas cepas da ômicron**

A Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo confirmou ontem a primeira morte em decorrência de contaminação pela nova subvariante da ômicron, a BQ.1, no estado. É a primeira causada pela subvariante no Brasil.

Segundo a pasta, trata-se de uma mulher de 72 anos, que faleceu em 17 de outubro. O governo do estado informou que a vítima tinha comorbidades e morreu sete dias depois de internada.

O segundo paciente confirmado com a subvariante no estado, um idoso de 61 anos, passa bem e está em casa, em isolamento. Os casos estão sob investigação epidemiológica das vigilâncias municipal e estadual.

Na última segunda-feira, São Paulo confirmou os primeiros dois casos de covid-19 causados pela nova subvariante. Ainda não havia informação sobre a morte da paciente.

O secretário estadual de Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, afirmou que o governo tem feito o sequenciamento genético de outros casos para verificar se a nova variante infectou mais vítimas. Ele ressaltou a importância de todos completarem o esquema vacinal, especialmente neste momento de introdução de nova variante no país e alta de casos.

"Tivemos muitos pacientes que deixaram de tomar a quarta dose e, dessa forma, não estão idealmente protegidos, principalmente em relação às novas variantes. Atualizar a sua condição vacinal é a melhor forma de proteção", alertou Gorinchteyn, que é médico infectologista.

O primeiro caso identificado no Brasil foi de uma paciente de Manaus. Também já há registros no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro.

A morte em São Paulo reforçou a necessidade de completar o esquema vacinal, além de medidas como a utilização de máscara e a realização de testes para confirmação do diagnóstico.

## Aumento de casos

A primeira morte causada pela variante ômicron do novo coronavírus ocorreu em janeiro de 2022, em Aparecida de Goiânia (GO). A vítima era um homem de 68 anos, hipertenso e portador de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), que estava internado em um hospital local.

Em declaração publicada no fim de outubro, o grupo consultivo da OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre a evolução do vírus Sars-CoV-2 reuniu informações sobre duas novas subvariantes da ômicron: XBB e BQ.1.

Esta nova subvariante está associada a um recente aumento de casos de covid-19 nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, uma nova onda tem preocupado especialistas, que reforçam o fato de que a testagem positiva para a doença tem aumentado em laboratórios em todo território nacional nas últimas semanas.

Um levantamento do Instituto Todos pela Saúde mostra que a taxa de exames positivos em laboratórios particulares passou de 3% para 17% em menos de um mês, o que significa um aumento de 466%.

Essa alta de casos foi registrada principalmente no Sudeste e no Centro-Oeste do país, com destaque para São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso. Segundo dados da Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma), das 14.970 testagens realizadas de 17 a 23 de outubro, 2.320 (15,5%) apresentaram diagnóstico positivo para a covid. Na semana anterior, a taxa havia sido de 9,36%.

Segundo o Instituto Butantan, a ômicron possui mais de 30 mutações na proteína Spike, que tem o papel de levar o vírus do SARS-CoV-2 para dentro do organismo humano. Algumas dessas mutações estão associadas ao potencial de escape imune-humoral e maior transmissibilidade. Além disso, ela infecta mais rapidamente os tecidos do trato respiratório superior em vez dos pulmões, o que também contribui para que se dissemine com mais facilidade.

Segundo dados coletados pela SP Covid-19 Info Tracker, a taxa de contágio atualmente se encontra em 1,15 Rt no Brasil, sendo que, conforme a pesquisa, a região Sul se encontra com a maior taxa de transmissão frente a outras regiões, com 1,2 Rt. Antes da ômicron, o maior Rt registrado pelo Info Tracker havia sido o de 1,29, em 21 de janeiro de 2021; ele mostrou queda e, depois, uma crescente repentina.

***Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

## Reajuste na tabela do SUS

» RAPHAEL FELICE

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado Federal aprovou ontem a revisão anual da tabela de procedimentos, remédios, próteses, órteses e materiais especiais do Sistema Único de Saúde. Aprovado por unanimidade, o Projeto de Lei do Senado (PLS) 468/2018 torna obrigatório o reajuste de valores pagos à entidades filantrópicas e por iniciativa privada contratadas pelo SUS.

O projeto, de autoria do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), recebeu parecer favorável do relator na CAE, o senador Otto Alencar (PSD-BA). O texto foi aprovado em caráter terminativo e, por isso, segue para a análise da Câmara dos Deputados.

A defasagem da tabela do SUS já vinha sendo alvo de críticas do Conselho Federal de Medicina (CFM). Durante os trabalhos da comissão, Randolfe exibiu dados da entidade médica mostrando mais de 1.500 procedimentos hospitalares com repasses defasados.

"Diante dessa grave situação, decorrente da inércia do Poder Executivo em atualizar periodicamente a Tabela SUS, cabe propor medida legislativa para garantir a recomposição anual dos valores dos procedimentos. É o mínimo que se pode fazer para manter a regularidade da assistência à saúde da população", disse Randolfe.

Segundo Otto Alencar, entidades de saúde no Brasil, como as Santas Casas, passam por situação precária. Para o relator, a medida trará maior equilíbrio econômico e financeiro para o atendimento em saúde pública da população brasileira.

"A consequência deverá ser a ampliação tanto da qualidade quanto da quantidade dos serviços prestados à população brasileira. Essa aprovação, a seu tempo, necessariamente respeitará o ciclo orçamentário da União e demais normas legais aplicáveis", disse o parlamentar.

## Apenas metade dos brasileiros tomaram reforço

A baixa adesão dos brasileiros às doses de reforço das vacinas tem preocupado especialistas. Eles alertam para uma possível lotação de leitos e aumento no número de mortalidade, caso de fato haja uma segunda onda causada pela subvariante. Os dados do Ministério da Saúde apontam que muitos brasileiros deixaram de tomar as doses de reforço, o que poderia ajudar a reduzir o impacto, mesmo porque estudos apontam que esta é uma variante mais transmissível, que pode levar a um número maior de casos, mesmo em pessoas completamente vacinadas. A taxa de transmissão é maior do que a da ômicron original.

O vacinômetro do Ministério da Saúde mostra que milhões de brasileiros ainda não tomaram doses adicionais da vacina. Segundo dados levantados no sistema do ministério, cerca de 171 milhões de pessoas tomaram a segunda dose do imunizante ou dose única, o que corresponde a 79,8% da população apta a ser vacinada.

Ainda segundo a pasta, 105 milhões de brasileiros tomaram a dose de reforço, o que equivale a 48,9% do total. Já a quarta dose, ou segunda dose de reforço, foi aplicada em apenas 35 milhões de brasileiros. Como se vê, a imunização cai conforme a progressão das doses.

Entre os jovens de 12 e 17 anos, a situação é mais preocupante. Cerca de 14 milhões completaram o esquema vacinal com as duas doses, mas somente 4,4 milhões reforçaram a imunização.

Membro da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), o médico Julival Ribeiro reforça que é necessário completar o ciclo vacinal para que o país consiga encarar de forma "menos pavorosa" uma nova onda da covid-19. Ele destaca, ainda, a importância de o Brasil desenvolver uma nova vacina para esta cepa. "As autoridades sanitárias devem começar a pensar na vacina bivalente, contra a cepa original e a última da ômicron, que tem se mostrado muito segura e também com boas respostas para novas variantes", comenta.

Um estudo feito em parceria pelas farmacêuticas Pfizer e BioNTech mostrou que a dose de reforço da vacina bivalente produz uma forte resposta imunológica em adultos mais velhos. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ainda não emitiu parecer final para que a vacina, já aprovada na União europeia e nos Estados Unidos, seja aplicada no Brasil. A agência recebeu o pedido de uso emergencial em 30 de setembro. (**MA***)

**Leia na página 15: Casos aumentam no DF**



**ALEXANDRE GARCIA**

**O ENGODO DESMORALIZADO PELO BANCO MUNDIAL FOI USADO NA CAMPANHA ELEITORAL. MAS NINGUÉM ENTROU NO TSE RECLAMANDO DA FAKE NEWS. ALIÁS, SE ENTRASSE, DEPENDERIA DO JUÍZO DO TRIBUNAL, QUE TEM O DOM DIVINO DE SEPARAR A MENTIRA DA VERDADE NUMA CAMPANHA ELEITORAL.**

## Fome de mentira

Antes das eleições, o Brasil tinha 33 milhões de famintos. Uma semana depois, a maioria ficou alimentada. Restaram 1,9 milhão abaixo da linha de pobreza. O candidato e a mídia vinham repetindo, como fazia Goebbels, que o Brasil tem 33 milhões de famintos. Claro que quem tem olhos para ver não via isso, ou as ruas estariam cheias de pedintes do tamanho de três Portugais. Mas o candidato e sua mídia repetiam: 33 milhões de brasileiros famintos. Agora aparece o Banco Mundial para estragar a narrativa: há bem menos brasileiros em extrema pobreza. Despencou de 25 milhões em 1990 para 1,9 milhão em 2020. Para os padrões econômicos internacionais, extrema pobreza é de quem ganha menos de 2,15 dólares por dia. O Auxílio Brasil corresponde ao dobro desse valor.

Só Paraguai conseguiu semelhante proeza na América Latina. Outros estão dobrando a pobreza. Mas a mitomania tupiniquim, gostou dos 33 milhões e ficou a repetir. Certa vez Lula explicou a Jayme Lerner que bastava citar um número que ninguém tinha como checar. Referia-se a 25 milhões de crianças de rua sem ter onde morar, conforme relato do próprio Lula, sobre uma palestra que ele fizera em Paris. Lula contou que o arquiteto Jayme Lerner observara que com essa multidão de meninos, não conseguiríamos sair às ruas e Lula confessou, rindo, que inventava os números. Agora impressionou brasileiros desinformados e que não acreditam naquilo que seus próprios olhos veem nas ruas. Mas apareceu agora um jovem economista da FGV tentar amenizar o tamanho da mentira ao dizer que de 2020 para 2021 a miséria subiu.

O engodo desmoralizado pelo Banco Mundial foi usado na campanha eleitoral. Mas ninguém entrou no TSE reclamando da fake news. Aliás, se entrasse, dependeria do juízo do Tribunal, que tem o dom divino de separar a mentira da verdade numa campanha eleitoral. Até aqui nenhuma novidade, já que é do conhecimento público o desequilíbrio da balança da Têmis tupiniquim. Imaginem que agora, depois das anomalias mostradas pelo argentino, apenas pelo fato de Marcos Cintra ter cobrado uma explicação do TSE, o ex-Secretário da Receita foi bloqueado nas redes sociais e tratado como bandido, com prazo de 48 horas para a Polícia Federal colher depoimento dele. O ex-presidente do TSE, ministro Marco Aurélio, não viu crime em expressar opinião, e também expressou a dele: "É difícil conceber seções com dezenas de votos apenas para um determinado candidato." Palavras de quem já presidiu eleições.

Derrogam-se os artigos 5º IV e 220 da Constituição, que tratam da livre manifestação do pensamento sem anonimato e da liberdade de expressão e vedação da censura. O crime de opinião já foi criado há três anos pelo Supremo. Resta-nos a vergonha de estarmos exportando para ditaduras o estímulo para censurar liberdades.

A Nicarágua acaba de imitar o Brasil. Aprovou a Lei Especial de Delitos Cibernéticos, com até 10 anos de prisão para quem postar o que, para a ditadura Ortega, seja fake news. A verdade pode ser julgada mentira. E vice-versa. Mentir sobre 33 milhões de famintos vira verdade quando a mentira é publicada muitas vezes.